



Ementa de Disciplina 2024/1:

Disciplina:	História e Historiografia da Eugenia
Código:	COC196M / COC197D
Curso:	Mestrado / Doutorado
Status:	Eletiva
Professor responsável:	Robert Wegner
Carga horária:	60 hs.
Créditos:	04
Dia/Horário:	Terça-feira, 13:30-17:00h
Início do curso:	?? de março de 2024
Última aula:	?? de junho de 2024
Local das aulas:	Sala ??

Ementa:

A eugenia se constituiu como movimento organizado na primeira metade do século XX em torno da fé na aplicação da biologia e da medicina na resolução de problemas sociais e econômicos da sociedade moderna. Este movimento, com características particulares, se espalhou por vários países do mundo, articulando-se simultaneamente como um movimento social e científico. Desse modo, constituiu-se como uma ciência que se estabeleceu em fins do século XIX e que, na primeira metade do século seguinte, se espalhou por um sem-número de países, adquirindo, em cada um deles, características próprias, mas, em todos, reforçou ideais nacionalistas e o empenho em melhorar biologicamente a “raça”. Estes ideais se consubstanciaram em políticas de governo e em concepções culturais que redesenharam e reforçaram concepções racistas anteriores, além de criar novas formas de racismo ao classificar e hierarquizar as pessoas, distinguindo-as entre “adequadas” e “inadequadas”. Ao fazer essa distinção, os eugenistas procuravam promover a reprodução do primeiro grupo (eugenia positiva) e evitar ou impedir a do segundo (eugenia negativa) para, supostamente, melhorar biologicamente a população.

O curso tem como objetivo discutir a emergência da eugenia e realizar um estudo comparativo de diferentes casos nacionais, procurando investigar como as ideias



eugênicas estavam ligadas às realidades locais ou nacionais. Neste contexto, é importante compreender as ideologias políticas e sociais que sustentaram os movimentos eugênicos ao redor do mundo e articularam propostas de controle social e reprodutivo (controle matrimonial, esterilização dos considerados inaptos, seleção imigratória, segregação racial, combate ao alcoolismo e a doenças venéreas, melhoria da educação e da higiene, entre outros). Ao mesmo tempo, o curso também propõe discutir as diferentes ideias e teorias científicas formuladas para explicar as relações entre eugenia, evolução e hereditariedade (como o mendelismo e neolamarckismo), bem como o processo de institucionalização do movimento eugênico e a participação de diversas comunidades científicas (médicos, antropólogos, experimentadores agrícolas, geneticistas, psiquiatras, educadores, jornalistas).

O curso propõe pensar a eugenia como resultado da própria modernidade, como projetos políticos e científicos mobilizados para regular, selecionar ou controlar a vida social, o corpo, a raça e os rumos da evolução humana. Isso nos leva a discutir a eugenia a partir de um ponto de vista mais amplo de compreensão da própria racionalidade ocidental, dialogando com as proposições de Michel Foucault sobre biopolítica, controle dos corpos, gerenciamento da população e racismo de Estado.

Apesar da ciência eugênica ter sido desacreditada após a Segunda-Guerra Mundial, especialmente por suas vinculações com o nazismo, podemos encontrar muitas reverberações das ideias e das práticas eugênicas na segunda metade do século XX e até os dias atuais, manifestando-se por meio do racismo, misoginia, homofobia, xenofobia, capacitismo e outras formas de hierarquização dos seres-humanos. Desse modo, o estudo da eugenia é propício para discutir temas relevantes para a agenda contemporânea do campo da história, das ciências sociais e dos estudos culturais, como as reflexões políticas sobre gênero e raça. O curso dará ênfase para os debates sobre raça, pensando em que medida a ciência eugênica se constituiu a partir de pressupostos racialistas e, ao mesmo tempo, até que ponto – e como – a eugenia reconfigurou o debate racial do século XX. Neste sentido, o curso visa não apenas estudar as ideias e as práticas eugênicas durante o período em que a eugenia esteve institucionalizada em movimentos científicos e sociais estruturados, mas também indagar suas permanências e marcas nas ciências e na sociedade após a Segunda Guerra até nossos dias. Desse modo, temos como objetivo, igualmente, discutir as continuidades e descontinuidades de ideias e práticas eugênicas de forma mais ou menos explícita.

O curso visa apresentar noções básicas sobre a eugenia; estudar como os movimentos eugênicos se organizaram na primeira metade do século XX; discutir como a eugenia se configurou no Brasil; e, por fim, estudar casos explícitos de políticas e concepções mais



recentes que ressoam ideias e práticas eugênicas. O objetivo geral do curso é o de, a partir da história da eugenia, construir ferramentas de crítica às desigualdades e ao racismo no mundo contemporâneo. Faremos isso a partir do diálogo com os trabalhos de Michel Foucault (1926-1984), especialmente suas concepções de biopolítica e de racismo de Estado. Por fim, diante do surgimento de novos movimentos políticos de extrema-direita, que levantam a bandeira de um nacionalismo xenofóbico e racista, somos levados a indagar em que medida o estudo histórico da eugenia pode nos ajudar a compreender estes movimentos, ou ainda, até que ponto estes movimentos retomam de forma explícita ideais formulados pelo movimento eugênico do início do século XX.

Objetivos:

- 1) Relacionar o estudo histórico da eugenia com a problemáticas dos estudos sociais da ciência e da história das ciências;
- 2) Estudar como os movimentos eugênicos se organizaram historicamente, pensando a relação entre ciência e sociedade;
- 3) Estudar casos de políticas e concepções contemporâneas que ressoam ideias e práticas eugênicas, como na genética médica e nas políticas de saúde;
- 4) Construir ferramentas de crítica às desigualdades e ao racismo no mundo contemporâneo.

Sistema de avaliação:

A avaliação consistirá em um artigo relacionado à disciplina previamente discutido com o professor e que deverá ter entre 3.500 e 6.000 palavras e ser enviado por e-mail até o dia 10 de agosto de 2024.

Programação

Observação: a programação está sujeita a modificações e complementações.



Parte I – Introdução: Apresentação e Ferramentas conceituais

Aula 1 – Apresentação do Curso - 19 de março

Leituras obrigatórias:

ADAMS, Mark B. (Ed.). *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1990. [Chapter 1: Eugenics in the history of science, pp. 3-7; Chapter 6: Towards a comparative History of Eugenics – Mark Adams – pp. 217-231].

STERN, Alexandra. *Eugenic nation: faults and frontiers of better breeding in Modern America*. 2.ed. Oakland: University of California Press, 2016. [Introduction; pp. 1-27]

COHEN, Peter (Dir.). *Homo Sapiens 1900*. [Documentário] Suécia, 1998. 1h: 28 min. Disponível em: <https://youtu.be/IcJUyNV5EU8>

Aula 2 – Eugenia, biopolítica e racismo de Estado - 26 de março

Segundo Michel Foucault, o poder, desde o século XIX, veio a se configurar e a ser exercido a partir do controle sobre a vida e o corpo. A grande questão da filosofia política clássica era a de legitimar e, ao mesmo tempo, impor limites ao poder do rei. O poder era concebido apenas na sua negatividade. Contudo, desde o século XVIII, instituições e saberes se voltavam para os corpos e para sua disciplina, enquanto, no século XIX, as tecnologias do Estado passaram a se aperfeiçoar e gerenciar a vida das populações. Corpos e populações não estavam no horizonte do pensamento político clássico, fundado nas relações entre indivíduo e sociedade, entre indivíduos e Estado, mas, na concepção de Foucault, não é possível falar de poder sem notar que ele se dirige a entidades biológicas, constituindo-se em um poder positivo, na medida em que gerencia a vida e a produz. Ao gerenciar a população, o poder incide sobre ela fissuras, diferenciando e hierarquizando grupos, um mecanismo que o pensador francês vai chamar de racismo de estado. O racismo diferencia os grupos que o poder faz viver daqueles grupos que são deixados a morrer.

O objetivo da semana é o de abordar a concepção de biopolítica e o conceito de racismo de Estado formulados por Foucault, que serão ferramentas úteis para o decorrer de todo o curso. A indagação que nos acompanhará no decorrer de todas as aulas é: quando e de que diferentes formas o racismo se produz e se manifesta.



Leituras obrigatórias:

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – Volume I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999. [Capítulos IV – O dispositivo de sexualidade; V – Direito de morte e poder sobre a vida - pp. 73-149]

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade – Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 4.tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005. [Aula de 17 de março de 1976 – pp. 285-315]

Leituras complementares:

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Tradução Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DORON, Claude-Olivier. O espaço da psiquiatria nos dispositivos de segurança da França. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 15, n. 107, p. 7-28, dez. 2014.

Aula 3 – Os dilemas de Foucault, neoliberalismo e saúde pública - 2 de abril

Leituras obrigatórias:

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica - Curso no Collège de France (1978-1979)*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022. [aulas de 14 e 21 de março; pp. 289-354]

DEAN, Mitchell,; ZAMORA, Daniel. *O último homem a tomar LSD: Foucault e o fim da revolução*. Rio de Janeiro: Telha, 2023. [capítulos a definir]

Leitura complementar:

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.



Parte II – História do movimento eugênico

Aula 4 – Francis Galton, o ideal eugênico e a constituição do movimento eugênico na Inglaterra (1883-1910): classes sociais, eugenia e estatística - 9 de abril

O britânico Francis Galton (1822-1911) é considerado o "pai fundador" da eugenia, uma vez que foi quem cunhou o termo em 1883, e estabeleceu o ideal de melhoramento da população de geração em geração. Para ele, que era primo de Charles Darwin, a eugenia deveria estabelecer uma distinção entre os "aptos" e os "inaptos", e, a partir daí, incentivar a reprodução dos primeiros e evitar a dos segundos. Escrevendo antes da ascensão da genética e do reconhecimento das leis da hereditariedade de Gregor Mendel (1822-1884), Galton formulou uma teoria da herança biológica baseada em leis estatísticas. Nessa linha, junto com seu discípulo Karl Pearson (1857-1936), Galton conseguiu estabelecer, na década de 1890, o movimento eugênico na Inglaterra. Nesse país, menos do que uma marca racial propriamente dita, a classificação entre "aptos" e "inaptos" correspondeu mais a uma distinção entre classes sociais. Ou seja, as desigualdades entre a classe trabalhadora e a classe capitalista que se estabeleceram no berço do capitalismo moderno, foram explicadas por Galton e Pearson por meio de leis biológicas da herança das capacidades humanas.

Do ponto de vista histórico, essa aula tem por objetivo estudar como os ideais eugênicos foram formulados por aquele que é considerado o fundador da eugenia e quais foram as principais características do movimento na Inglaterra. A partir desse caso específico, vamos explorar uma característica que marcará o raciocínio eugenista em todas as suas manifestações históricas: o anseio de que todos os desafios e problemas da sociedade moderna poderiam ser compreendido e solucionados por meio da biologia e da medicina.

Leituras obrigatórias:

KEVLES, Daniel. *In the name of Eugenics: genetics and the uses of Human Heredity*. 4.ed. Cambridge, London: Harvard University Press, 2004. [I. Francis Galton, Founder of the Faith – pp. 3-19]

BLAND, Lucy, HALL, Lesley. Eugenics in Britain: The View from the Metropole. IN: A. Bashford, P. Levine (Eds.), *The handbook of the history of eugenics*, Oxford University Press, Oxford (2010). pp. 213-227.

Fonte:



GALTON, Francis. *Hereditary genius: an inquiry into its laws and consequences*. London: Macmillan and Co., Limited, 1914. [Prefatory chapter to the edition of 1892 – pp. VII-XXVII]

Leituras complementares:

CASTAÑEDA, Luzia Aurelia. Testando uma teoria de herança: Francis Galton e os experimentos coma Pangênese. In: Ana Maria Alfonso-Goldfarb; Maria Helena Roxo Beltran. (Org.). *O laboratório, a oficina e o ateliê: a arte de fazer o artificial*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2002, p. 202-226.

DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-18, 2008.

GILHAN, Nicolas Wright. *A life of sir Francis Galton: from African exploration to the birth of eugenics*. New York: Oxford University Press, 2001.

RHEINBERGER, Hans-Jörg; MÜLLER-WILLE, Staffan. Heredity before Genetics. In Staffan Müller-Wille; Christina Brandt (Eds). *Heredity Explored: between public domain and experimental Science, 1850-1930*. Cambridge, London: The MIT Press, 2016. pp. 143-166.

Aula 5 – A emergência da genética e da eugenia nos Estados Unidos: Racismo, controle da imigração e esterilização (1907-1970) - 16 de abril

Com forte inspiração no movimento eugênico britânico e nos trabalhos de Francis Galton, a eugenia nos Estados Unidos tomou um impulso decisivo na virada do século XIX para o XX com a constituição da genética, que foi tomada como uma ciência que havia desvendado os segredos da hereditariedade. De forma conectada, genética e eugenia se espalharam em estações experimentais e faculdades de agricultura seguindo o princípio de que, se era possível melhorar animais, plantas e sementes por meio da genética, porque não fazer o mesmo, por meio da eugenia, com o ser humano?

O movimento eugênico nos Estados Unidos ganhou ainda mais força com a fundação do Eugenics Record Office, em 1910, no âmbito do Laboratório de Cold Spring Harbor, dirigido por Charles B. Davenport (1866-1944), em Nova York. Junto com sua esposa, Gertrude C. Davenport (1866-1946), Harry H. Laughlin (1880-1943) e muitos estudantes, Davenport foi muito influente no desenvolvimento da eugenia, colocando-a em prática por meio de leis de esterilização estabelecidas em diversos estados norte-americanos e de



uma legislação relativa à imigração altamente restritiva e racista que entrou em vigor na década de 1920. Sendo os Estados Unidos um país marcado por uma história escravocrata, por leis de segregação racial e por um intenso fluxo imigratório a eugenia no país, diferentemente da Inglaterra, ganhou conotações explicitamente racistas contra afrodescendentes, bem como imigrantes asiáticos e do Sul ou do Leste da Europa.

Ao dedicarmos uma semana aos Estados Unidos, temos como objetivo salientar a conexão, no decorrer da história, entre eugenia e genética, por um lado, e entre as ideias e práticas eugênicas e o racismo, por outro. As ideias e as políticas eugênicas nos Estados Unidos deixaram marcas indeléveis no decorrer da história do país e da América Latina, configurando, em boa medida, o tratamento dado pela política imigratória norte-americana aos latino-americanos, inferiorizados não apenas do ponto de vista cultural, mas também racial. Em termos conceituais, o objetivo das aulas é o de explorar as noções desenvolvidas na teoria mendeliana da hereditariedade.

Leituras obrigatórias:

KIMMELMAN, Barbara. “The American Breeders’ Association: Genetics and Eugenics in an Agricultural Context, 1903-1913”, *Social Studies of Science*, Vol. 13, N. 163, 1983.

KEVLES, Daniel. *In the name of Eugenics: genetics and the uses of Human Heredity*. 4.ed. Cambridge, London: Harvard University Press, 2004. [III. Charles Davenport and the worship of great concepts – pp. 41-56]

STERN, Alexandra. *Eugenic nation: faults and frontiers of better breeding in Modern America*. 2.ed. Oakland: University of California Press, 2016. [Capítulos a definir]

Fonte:

DAVENPORT, Charles. *Heredity in relation to Eugenics*. New York: Henry Holt and Company, 1911. [Prefácio e Capítulos 1 e 2 – pp. III-VI e pp. 1-25]

Leituras complementares:

BLACK, Edwin. *A Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos EUA para criar uma raça dominante*. São Paulo: A Girafa, 2003.

CRUZ, Rodrigo Andrade da. Das ervilhas mendelianas ao “décimo submerso”. Aspectos teóricos e práticos do desenvolvimento da eugenia nos Estados Unidos. In André Mota & Gabriela Marinho. *Eugenia e história: ciência, educação e regionalidades*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina; Universidade Federal do ABC, 2013. pp.37-48.



ROSENBERG, Charles E. *No Other God: on science and American Social Thought*. Revised and expanded edition. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

Aula 6 – Eugenia na América Latina - 23 de abril

Leituras obrigatórias:

STERN, Alexandra Minna. From Mestizophilia to Biotypology: racialization and science in Mexico, 1920-1960. In: Nancy Applebaum; Anne S. MacPherson; Karin Alejandra Roseblatt. *Race and Nation in Modern Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003. p.187-210.

STEPAN, Nancy L.. “*A hora da eugenia*”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. [Introdução e Capítulos 1 e 2 – pp. 9-73]

VALLEJO, Gustavo. La hora cero de la eugenesia em la Argentina: disputas e ideologías em el surgimento de um campo científico, 1916-1932. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, supl., ago. 2018. pp. 15-32.

POHL-VALERO, Stefan. “La raza entra pela boca”: nutrición y eugenesia in Colombia, 1890-1940. *Hispanic American Historical Review* 94, n.º 3 (2014), 455-486.

Leitura Complementar:

ARMUS, Diego. Eugenesia en Buenos Aires: discursos, prácticas, historiografía. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*. 2016, vol.23, suppl.1, pp.149-170.

ERASO, Yolanda. Biotypology, Endocrinology, and Sterilization: The Practice of Eugenics in the Treatment of Argentinian Women during the 1930s. *Bull. Hist. Med.*, 2007, 81, pp.793–822.

STERN, Alexandra Minna. Eugenics in Latin America. *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*. Oxford University Press, 2018.

Aula 7 - O movimento eugenista no Brasil – parte 1: Sanitarismo, Higienismo e Eugenia (1910-1929) - 30 de abril

O movimento eugênico se organizou no Brasil a partir do findar da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Num período de forte nacionalismo, representou a crença em que a ciência médica poderia ser o fundamento da construção da nação. Contudo,



diferentemente dos Estados Unidos, no Brasil, assim como em outros países latinos, a eugenia esteve menos ligada à genética, e mais conectada ao higienismo, sanitarismo e à medicina social. A partir da crença neolamarckiana da herança dos caracteres adquiridos, acreditava-se que ao melhorar as condições de saúde da população, automaticamente, se aperfeiçoaria sua constituição biológica. Isso levou com que os primeiros eugenistas brasileiros, muitos com formação em medicina, defendessem que o combate às doenças e o melhoramento nas condições sanitárias, além do combate aos vícios, como o do alcoolismo, fossem as principais ferramentas disponíveis para a implementação de políticas eugênicas. O que era muito diferente dos Estados Unidos, onde se privilegiou as políticas de esterilização dos considerados inadequados, o controle da imigração e a segregação racial. Essa diferença levou a que muitos historiadores e cientistas sociais concluíssem que a eugenia no Brasil teria sido mais "suave" do que nos Estados Unidos, o que não é exatamente correto, uma vez que as políticas higienistas e sanitárias eram implementadas de modo extremamente autoritário pelo Estado.

Do ponto de vista histórico, o objetivo das aulas da semana é o de trazer elementos fundamentais para compreender como os cientistas, intelectuais e políticos abordavam a questão racial no Brasil do início do século XX e como viam na eugenia um caminho para o fortalecimento da população e da nação. Pretendemos discutir os paradoxos dessa posição. Paralelamente, em termos conceituais, o objetivo é o de deixar claro conceitos como: eugenia anglo-saxã, eugenia latina, neolamarckismo, sanitarismo, higienismo e medicina social.

Leituras obrigatórias:

HOCHMAN, Gilberto e LIMA, Nísia Trindade. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996. pp.22-40.

STEPAN, Nancy L. "Eugenia no Brasil, 1917-1940". In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. pp. 330-391. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

Fontes:

KEHL, Renato. *Aparas eugênicas – Sexo e civilização*. Rio de Janeiro: Editora Francisco



Alves, 1933 (Capítulo VIII: Eugenia construtiva: outras medidas restritivas de procriação do indesejável, pp.183-208).

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil. In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, 1929, pp.119-148,

Leituras complementares:

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Consciência sanitária e unidade nacional. In: _____. *O saneador do Brasil: saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019, pp.53-129.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade; MAIO, Marcos Chor. The path of eugenics in Brazil: Dilemmas of miscegenation. IN: A. Bashford, P. Levine (Eds.), *The handbook of the history of eugenics*, Oxford University Press, Oxford (2010), pp. 493–510.

MARINHO, Maria Gabriela; MOTA, André. Tramas e teias da retórica eugênica em São Paulo. Personagens, contextos e instituições médicas (1916-1954). In: _____. (Ogs.). *Eugenia e história: ciência, educação e regionalidades*. São Paulo: USP, 2013. p. 201-218.

MUÑOZ, Pedro de. *Clínica, laboratório e eugenia: uma história transnacional das relações Brasil-Alemanha*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Editora PUC-Rio, 2018.

REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia*. O projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação (Mestrado em História) - Unicamp, Campinas, 1994.

SOUZA, V. S. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no entre-guerras*. Guarapuava, Eduni, 2019.

Aula 8 - O movimento eugenista no Brasil (2): racismo e debates sobre imigração e esterilização (1918-1934) - 7 de maio

De modo geral, é correto diferenciar as características do movimento eugênico nos Estados Unidos e no Brasil, o primeiro sendo um caso da eugenia anglo-saxã e mendeliana, enquanto, o segundo, exemplo da eugenia latina e neolamarckiana. Por outro lado, na medida em que avançava a década de 1920, muitos eugenistas brasileiros passaram a compartilhar das ideias e dos ideais da eugenia desenvolvida em países como



a Alemanha, a Suécia e o próprio Estados Unidos, lugares em que se propugnava medidas como a da esterilização com fins eugênicos e o controle radical da imigração. Desse modo, os embates que passaram a ocorrer entre diferentes correntes do movimento eugênico no Brasil começaram a se tornar cada vez mais acirrados, tornando-se explícitos durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929, bem como na Assembleia Nacional Constituinte que iniciou seus trabalhos em 1933. Inspirados na eugenia norte-americana e dos países nórdicos, muitos deputados defenderam o controle radical da imigração, o estabelecimento de políticas de esterilização, bem como o exame pré-nupcial obrigatório. Ainda que esses deputados não tenham alcançado sucesso na sua completude, a constituição de 1934 guardou as marcas da eugenia que procurou regular de forma radical a reprodução humana no país e tornar o racismo uma política explícita de Estado.

Além de discutir os debates que marcaram o pensamento social e as concepções raciais no Brasil no período que antecede a publicação, em 1933, de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, o objetivo da semana é traçar um quadro sobre o debate sobre imigração e raça no Brasil e questionar a crença de que a eugenia e o racismo no Brasil teriam sido mais suaves do que em outros países, como os Estados Unidos.

Leituras obrigatórias:

SOUZA, V. S. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no entre-guerras*. Guarapuava, Editora UniCentro, 2019. [Capítulos a definir]

SOUZA, Vanderlei Sebastião de (2016). A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.23, supl., dez, p.93-110.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de (2013). Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, v.20, n.1, p. 263-288, mar.



Parte III – Nazismo e holocausto, antirracismo e eugenia

Aula 9 – Um quadro do movimento eugênico no mundo na década de 1930 e a ascensão do Nazismo (1933-1945) - 14 de maio

Nos anos 1930, a década da ascensão do Nazismo e da explosão da Segunda Guerra Mundial, os ideais eugênicos já haviam se espalhado em dezenas de países por meio de movimentos organizados que se consubstanciavam em legislações, instituições e práticas eugênicas. Como se costuma notar, com razão, a Alemanha foi o país que, sob o governo de Hitler, levou a eugenia à radicalidade e que explicitou de todas as formas as consequências trágicas de uma ciência que visava o melhoramento racial. O que não se pode perder de vista, contudo, é que muitas práticas eugênicas alemãs, como a esterilização eugênica, foram também, desde o início do século XX, implementadas em outros países, como nos Estados Unidos, bem como na Suécia, que, em nosso imaginário político, se caracterizou como o país que melhor implementou políticas de bem-estar social em um quadro de democracia. Hoje, os estudiosos ressaltam que essas políticas de *welfare state* foram vincadas pela eugenia e pelo racismo.

O objetivo das aulas é o de discutir até que ponto o Nazismo foi um ponto fora da curva do projeto de civilização Ocidental, ou se, ao contrário, foi a implementação radical desse projeto, que, como notou o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), sempre quis eliminar a imperfeição e aumentar a produtividade.

Leituras obrigatórias:

BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999. [Capítulo a definir]

KEVLES, Daniel. *In the name of Eugenics: genetics and the uses of Human Heredity*. 4.ed. Cambridge, London: Harvard University Press, 2004. [IV – The Gospel becomes popular - pp. 57-69]

WEISS, Sheila Faith. “The Race Hygiene Movement In Germany 1904-1945”. In: Adams, Mark (org.). *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p.8-68.

SCHNEIDER, William. The Eugenics Movement in France, 1890-1940. In: Adams, Mark (org.). *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p.8-68.



TYDÉN, Mattias. The Scandinavian States: Reformed Eugenics applied. In: Bashford, Alison; Levine, Philippa. *The Oxford handbook of the history of eugenics*. Oxford University Press, 2010. p.363-376.

Leituras Complementares:

ADAMS, Mark B. Eugenics in Russia. In: ____ (org.). *The Wellborn Science. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia*. New York: Oxford University Press, 1990b, pp. 153-216.

CAROL, Anne. *Histoire de L'Eugénisme en France : les médecins et la procréation XIXe-Xxe siècle*. Paris : Editions du Seuil, 1995.

KREMENTSOV, Nikolai. *With and without Galton: Vasilii Florinskii and the fate of eugenics in Russia*. Cambridge, UK: Open Book Publishers, 2018.

PROCTOR, Robert. *Racial Hygiene: medicine under the nazis*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.

ROLL-HANSEN, Nils; BROBERG, Gunnar (Eds.). *Eugenics and the Welfare State: sterilization policy in Denmark, Sweden, Norway, and Finland*. East Lansing, MI: Michigan State University Press, 1996.

Aula 10 – O Fim da Segunda Guerra, a Unesco e o conceito de racismo: as críticas à eugenia e seus limites (1945-1950) - 21 de maio

O fim da Segunda Guerra Mundial, com a vitória dos países aliados e a revelação dos horrores perpetrados pelo governo alemão, levou ao repúdio do nazismo, repúdio bem representado pela condenação de políticos, cientistas e médicos nazistas pelo Tribunal de Nuremberg, em 1945 e 1946. No mesmo momento, foi criada a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura, que, no âmbito da Organização das Nações Unidas e de outras organizações internacionais, visou reconstruir o mundo Ocidental e realizar os ideais de democracia e igualdade entre os seres humanos. O pressuposto era o de que o Nazismo havia sido um profundo desvio dos ideais do projeto da modernidade e teria sido fruto do preconceito e da falta de esclarecimento. Daí a noção de que, ao se democratizar a educação, a ciência e a cultura, se evitaria a recaída nos erros e horrores da Segunda Guerra e do nazismo. O próprio conceito de racismo passou a vigorar como uma ferramenta de crítica a partir das discussões e projetos promovidos pela Unesco. Desse ponto de vista, o racismo nada mais era do que o fruto da ignorância e do erro, e



precisava ser combatido.

Além de desenvolver essas reflexões com mais vagar, o objetivo da semana é o de discutir até que ponto essa noção de racismo, como falta de esclarecimento, dá conta do significado e dos mecanismos que criam e recriam o racismo como hierarquização entre os grupos humanos. Portanto, pretende-se discutir os limites da tradição de pensamento Ocidental e do projeto de combate ao racismo levado à cabo pela Unesco no Segundo Pós-Guerra. Inspirados em Foucault, nosso argumento é o de que o racismo pode e tem sido produzido por diferentes caminhos e mecanismos, inclusive pela própria ciência.

Leituras obrigatórias:

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MAIO, Marcos Chor (1998). O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da UNESCO. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 375-413.

BASHFORD, Alison. Internationalism, Cosmopolitanism, and Eugenics. BASHFORD, A., LEVINE, P. (Eds.). *The handbook of the history of eugenics*. Oxford: Oxford University Press, 2010. pp. 154-172.

McWHORTER, Ladelle. From Scientific Racism to Neoliberalism Biopolitics: Using Foucault's Toolkit. ZACK, Naomi (Ed.) *The Oxford Handbook of Philosophy and Race*. Oxford University Press, 2017. pp. 282-293.

Parte IV – As sombras da eugenia no mundo contemporâneo

Aula 11 – Eugenia, Raça e Regionalismo - 28 de maio

Leituras obrigatórias:

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, FGV Editora, 2017. [Capítulo 4 – Debates sobre miscigenação racial – pp. 263-355]

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 48.ed. São Paulo: Global, 2003. [Prefácio a primeira edição]



- pp.29-63]

VIMIEIRO-GOMES, A. C. . Biotipologia, regionalismo e a construção de uma identidade corporal brasileira no plural, década de 1930. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, v. 23, p. 111-130, 2016.

WEINSTEIN, Barbara. *A Cor da Modernidade: a branquitude e a formação da identidade paulista*. São Paulo: EdUSP, 2022. [capítulos a definir]

STERN, Alexandra. *Eugenic nation: faults and frontiers of better breeding in Modern America*. 2.ed. Oakland: University of California Press, 2016. [Chapter 2 – Quarantine and Eugenic Gatekeeping on the US-Mexican Border – pp. 57-81]

Leituras complementares:

CARRARA, Sérgio. “Estratégias anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil de entreguerras”, In: Hochman and Armus (eds). *Cuidar, controlar, curar*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2004, pp.427-453.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

STEPAN, Nancy L.. “*A hora da eugenia*”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005 (Capítulo 5: Identidades nacionais e transformações raciais, pp. 149-185).

TURDA, Marius. Race, Science, and Eugenics in the Twentieth Century. BASHFORD, A., LEVINE, P. (Eds.). *The handbook of the history of eugenics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WEGNER, R. & SOUZA, V. S. Eugenics, Genetics, and Anthropology in Brazil: The Masters and the Slaves, Racial Miscegenation, and Its Discontents. In: Warwick Anderson, Ricardo Roque, and Ricardo Ventura Santos, *Luso-tropicalism and Its Discontents*. New York; Oxford: Berghahn Books, 2019, pp.89-111.

Aula 12 – “Racismo Cultural” e as políticas de controle de natalidade nos países pobres (1950-1990) - 04 de junho

A condenação dos criminosos de guerra pelo tribunal de Nuremberg em 1946 representa, simbolicamente, a condenação da eugenia, enquanto os projetos desenvolvidos pela Unesco, nas décadas seguintes, significaram o combate sistemático ao racismo. Desde



então, embora possamos encontrar cientistas e políticos que defendam a retomada da eugenia, não há movimentos eugenistas organizados como os que havia entre 1890 e 1940, o que nos inclina a afirmar que a eugenia se encerrou junto com a Segunda Guerra Mundial e o Nazismo. Contudo, isso deve ser problematizado por diversos caminhos. Nesta semana, faremos isso por meio da análise de programas de controle de natalidade implantados a partir da década de 1950.

A partir dos anos 1950, a preocupação com o crescimento populacional tornou-se crescente, a ponto de um professor da Universidade de Stanford, Paul R. Ehrlich, formular e disseminar a tese da ameaça da "bomba populacional", em um livro publicado em 1968. Com apoio de organizações internacionais, como a Organização Mundial de Saúde, e de instituições norte-americanas, como a Fundação Rockefeller e a Federação Internacional de Planejamento Familiar (IPPF, na sigla em inglês), vários países do mundo, como a Índia, o Peru e também o Brasil, implementaram políticas de controle de natalidade, que incluíam a esterilização. Quando analisamos essas práticas que perduraram especialmente entre as décadas de 1950 e 1990, podemos perceber um enorme paradoxo: a ameaça da bomba populacional era global, mas seu combate era localizado nos países e populações pobres.

No Brasil, por exemplo, uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, instalada na década de 1990, veio a revelar que milhares de mulheres pobres e pretas foram esterilizadas sem consentimento ou mesmo sem conhecimento. Em outras palavras, embora não se tenha estabelecido uma política explicitamente eugênica, as políticas de controle de natalidade seguiram uma lógica eugênica na medida em que diferenciaram quem poderia procriar mais e a quem não caberia esse direito.

O objetivo das aulas da semana é, a partir da discussão sobre as políticas de controle de natalidade implementadas especialmente na segunda metade do século XX, argumentar que se operou um novo modo de racismo, na medida em que houve uma hierarquização entre pobres e ricos, em que os primeiros eram considerados "inadequados" para se reproduzir, enquanto os segundos, "adequados".

Leituras obrigatórias:

CONNELLY, Matthew. *Fatal Misconception: the struggle to control World Population*. Harvard University Press, 2009. [Capítulos a definir]

BRIGGS, Laura. *Reproducing Empire: Race, Sex, Science, and U.S. Imperialism in Puerto Rico*. University of California Press, 2002. [Capítulos a definir]



CAMPOS, André Luiz Vieira de. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. [Capítulo 7 – O Sesp e o Iaiá no Pós-Guerra: estratégias e transformações – pp. 193-220].

BHERING, Marcos Jungmann. *Controle de natalidade no Brasil: um estudo sobre o Centro de Pesquisas e Assistência Integral à Mulher e à Criança (1975-1994)*. Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro. 2014. [Capítulo 1 – Planejamento familiar, contracepção e controle da natalidade na segunda metade do século XX]

Leituras complementares:

MERCHANT, Emily Klancher. *Building the Population Bomb*. Oxford University Press, 2021.

LÓPEZ, Raúl Necochea. *A History of Family Planning in Twentieth-Century Peru*. The University of North California Press, 2014.

GRECO, Alexandre Verçosa. *A luta de Mário Victor de Assis Pacheco contra a desnacionalização da indústria farmacêutica e o controle populacional (1968-1985)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2023.

Aula 13 – Reflexões sobre a genética e a genômica contemporâneas - 11 de junho

Leituras obrigatórias:

SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: Marcos Chor Maio; Ricardo Ventura Santos. (Org.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. pp. 125-140.

WADE, Peter. *Degrees of mixture, degrees of freedom: genomics, multiculturalism, and race in Latin America*. Durham and London: Duke University Press, 2017. [Capítulos a definir]

LOMBARDO, Paul (ed). *A century of eugenics in America: from the Indiana experiment to the human genome era*. Indiana University Press, 2011. [Capítulos a definir]

NELSON, Alondra. *The Social Life of DNA: Race, Reparations, and Reconciliation after*



the Genome. Beacon Press, 2016.

Leituras Complementares:

PAUL, Diane. *Controlling human heredity: 1985 to the Present*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press International, 1995.

QUINTYN, Conrad B. *The New Eugenics: modifying Biological Life in the Twenty-First Century*. Archway Publishing, 2021.

MAIO, M. C.; Santos, Ricardo Ventura (Org.) . *Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

SUZUKI, Kazuko; VON VACANO, Diego A. *Reconsidering Race: Social Science perspectives on Racial Categories in the Age of Genomics*. Oxford University Press, 2018.

Aula 14 – O que há de eugenia na extrema direita e no racismo contemporâneos? - 18 de junho

STERN, Alexandra Minna. *Proud Boys and the White Ethnostate: How the Alt-Right Is Warping the American Imagination*. Boston: Beacon Press, 2019.

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de; CARVALHO, Leonardo Carvalho de. Eugenia, biopoder e políticas da morte em tempos de pandemia. Blog da Boitempo. São Paulo, 10.ago.2020.

Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/08/10/eugenia-biopoder-e-politicas-da-morte-em-tempos-de-pandemia/>

Aula 15 – Avaliação e perspectivas de investigações a partir do curso - 25 de junho

Reflexões sobre as pesquisas dos alunos e sobre as propostas de trabalho de fim de curso.